

Instituto de Ciências da Educação – Universidade Federal do Pará
Revista Ver a Educação, Belém, n.1, ano 2026

As memórias da experiência/dinâmica do grupo Voaterrar Mãestruar

The memories of the experience/dynamics of the Voaterrar Mãestruar group

Las memorias de la experiencia/dinámica del grupo Voaterrar Mãestruar

Elison Antonio Paim¹
Luciana Nagel Simon Cogo²
Lurian Endo Gonzaga³

Resumo

Este artigo integra as memórias construídas no âmbito da disciplina *Viver, conviver e gerar Vida em Plenitude: pesquisa sociopoética*, a partir da realização de uma experiência/dinâmica desenvolvida com os participantes da disciplina pelo grupo *Voaterrar Mãestruar*. A experiência teve como objetivo central criar uma prática educativa de vivência sensível e coletiva em que corpo, emoção, pensamento e criatividade se articulassem como dimensões indissociáveis do processo de produção de conhecimento. A experiência proposta buscou mobilizar os sentipensamentos daqueles que participaram da disciplina. Os registros dessas vivências foram sistematizados por meio da metodologia monadológica, que organiza os relatos como mônadas, que são, de acordo com Walter Benjamin, unidades narrativas singulares que, embora parciais, refletem e condensam o todo da experiência vivida.

Palavras-chave: Viver em Plenitude; decolonialidade; memória; mônadas.

¹ Pós-Doutor pelo programa de Ensino de História de África pelo Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla-Angola. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7509-5572>. E-mail: elison0406@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Ciência e Tecnologia (PPGECT) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0009-0002-1838-3452>. E-mail: luciana814@gmail.com.

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0009-0002-7035-3015>. E-mail: endolurian@gmail.com.

Introdução

Este artigo tem o objetivo de relatar as experiências vivenciadas no percurso de formação oferecido pela disciplina *Viver, conviver e gerar vida em Plenitude: pesquisa sociopoética*, realizada nos meses de agosto e novembro de 2025, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A disciplina propôs um espaço formativo interdisciplinar, intercultural e interinstitucional voltado à constituição de grupos pesquisadores fundamentados na Sociopoética enquanto concepção educativa. A proposta é centrada na formação de pesquisadores e pesquisadoras, especialmente da pós-graduação, por meio de um processo coletivo que articula propósitos de vida, pesquisa, estudo e trabalho, reconhecendo cada participante como sujeito ativo, portador de singularidades e de projetos próprios. A proposta de formar grupos pesquisadores em que todos são sujeitos do processo investigativo explicita um deslocamento do paradigma colonial de pesquisa “sobre” o outro para uma pesquisa “com” o outro, afirmando a horizontalidade, a escuta e a coautoria como princípios estruturantes.

A disciplina foi organizada em quatro etapas integradas que articularam vivências formativas, produção artística e ensaística, diálogo intercultural e convivência com comunidades indígenas e quilombolas. Desse modo, deslocou-se a centralidade da transmissão teórica abstrata para as experiências concretas de aprendizagem, escuta sensível, criação coletiva e interação com saberes ancestrais. Nesse contexto, as visitas à aldeia Guarani Pira Rupá (Palhoça – SC) e ao quilombo Vidal Martins (Florianópolis – SC), bem como o diálogo com essas comunidades tradicionais, configuram práticas de aprendizagem intercultural que rompem com a ideia exclusiva da academia como locus único do saber, reposicionando-a como espaço de encontro entre conhecimentos diversos.

A abordagem que apresentamos está fundamentada na perspectiva decolonial e trata-se de um movimento em permanente elaboração, que se expressa como prática cotidiana e práxis comprometida com a transformação da vida. Mais do que resistir às estruturas históricas de dominação, esse movimento aposta na criação, invenção e cultivo de outras formas de existir, conhecer, sentir e se relacionar com o mundo, deslocando centralidades e abrindo espaço para epistemologias plurais.

Nesse horizonte, a academia se configura como um dos territórios possíveis para essa disputa de sentidos, saberes e práticas. Embora esteja longe de ser o único espaço de construção de conhecimento, ela demanda um exercício constante de reflexão crítica sobre de onde partimos, com quem construímos e a serviço de quais projetos de vida colocamos nossos pensamento e ações. Pensar desde a vida, e não a partir das lógicas impostas pelo sistema moderno-colonial, implica desestabilizar a cisão entre a razão, a espiritualidade e a relacionalidade, reatando vínculos entre humanos e não humanos, reconhecendo a profunda interdependência com a mãe-terra, resgatando a ancestralidade.

É nesse campo de tensões, atravessado por brechas e fissuras, que este artigo se inscreve. Em vez de tomar o sistema/academia como uma totalidade sólida, fechada e intransponível, como frequentemente ela própria se apresenta, propõe-se deslocar o olhar para suas rachaduras, para seus pontos de instabilidade e para suas margens. O que acontece quando prestamos atenção nas fissuras? Como aprender a desaprender o que foi imposto pela colonização? Como educar os olhos, a mente e o espírito para enxergar as brechas pelas quais emergem outras possibilidades de vida? Pensar desde as brechas (*grietas*) e fissuras não significa concebê-las como soluções em si mesmas, mas como espaços de possibilidades, “como a flor que brota do muro”, desafiando a lógica universal e da homogeneização. Nesse sentido conforme, Catherine Walsh (2020),

Las grietas se han convertido en parte de mi localización y lugar. Son parte integral de cómo y dónde me posiciono política, epistémica, ética y estratégicamente. Son parte integral también de las transgresiones, *indisciplinamientos*, rupturas y desplazamientos que me obligan a mirarme críticamente, a aprender a desaprender para reaprender a pensar, actuar, sentir y caminar decolonialmente, a nivel individual y en colectividad (p. 163).

Nesse percurso, a Sociopoética constituiu um eixo metodológico da disciplina sendo compreendida como uma concepção de pesquisa e educação que rompe com modelos hierárquicos, coloniais e exclusivamente racionalistas de produção do conhecimento, ao reconhecer todos os participantes como sujeitos produtores de saberes, em diálogo horizontal entre academia e culturas historicamente subalternizadas. Segundo Gauthier (2024),

Uma onda profunda percorre a academia com práticas decoloniais, existe uma forte vontade de implementar formas de vida e de conhecimento que, do interior da instituição, a desestabiliza, ao acolher conteúdos dominados ou recalcados (temas novos oriundos das culturas de resistência), formas de pesquisa, cuidado e ensino específicos de culturas coletivas e orais (por exemplo, a conversa em redor da fogueira ou dança ritualística), processos integrados superando as tradições hierarquizantes, e até excludentes da academia (p. 21).

Além disso, outro elemento central dessa metodologia reside na compreensão do conhecimento como um processo vivido com o corpo inteiro, integrando razão, emoção, sensibilidade, imaginação, intuição, memórias, afetos, linguagens artísticas e espiritualidade, o que possibilita o acesso a dimensões conscientes e inconscientes da experiência formativa. Ou seja,

Facilitar significa trazer técnicas de pesquisa pertinentes para a maior expressão possível da criatividade do grupo-pesquisador, cuidar da igualdade de cada membro na expressão da sua singularidade, evitando que relações de poder no saber se instalem no grupo, e favorecendo sua análise crítica pelo próprio grupo no caso de isso acontecer, facilitar significa ser guardião, guardião do tempo com flexibilidade e firmeza ao mesmo tempo, deixando espaço para o imprevisto sem deixar de cumprir o previsto (Gauthier, 2024, p. 37).

Nesse sentido, a disciplina propôs construir uma ruptura com a colonialidade do saber, que historicamente deslegitima essas formas de conhecimento por considerá-las não científicas. Articulada a essa perspectiva, a disciplina apresentou a noção de contracolonialidade, inspirada em Antônio Bispo do Santos (Nego Bispo) e Ailton Krenak, ao afirmar que o processo formativo não busca apenas incluir saberes tradicionais na academia, mas entrar na academia a partir das próprias referências, ancestralidades e modos de existir. Por fim, orienta-se ainda por compromisso ético-político de devolutiva da pesquisa, assegurando que os processos investigativos produzam efeitos concretos e positivos para os grupos e comunidades envolvidas, articulando, assim, formação acadêmica decolonial, contracolonialidade e transformação social.

Desse modo, a dinâmica foi sendo construída coletivamente a partir das narrativas de seus integrantes sobre os motivos de suas escolhas de pesquisa, palavra, desenho, diálogos, memórias e inquietações compartilhadas ao longo do processo de constituição do grupo *Voterrar Mãestruar*. Essas construções estiveram especialmente relacionadas às lutas antirracista, à justiça social e ao enfrentamento das múltiplas formas de opressão, bem como à problematização dos modos como somos historicamente formados para não ver, não sentir e, sobretudo, não escutar essas realidades, silenciando narrativas dissidentes.

O processo de criação da experiência/dinâmica partiu da compreensão do grupo de que certas violências, amplamente divulgadas e marcadas na memória coletiva nacional, tendem a ser naturalizadas ou esquecidas ao longo do tempo, justamente por mobilizarem dores profundas e feridas históricas ainda abertas. Nesse contexto, a escolha por uma dinâmica que mobilizasse os participantes levou à decisão de iniciar a experiência com os olhos vendados, atravessada por sons, ruídos, notícias de violência racista, estímulos sensoriais e silêncios, com o objetivo de provocar uma imersão densa e afetiva, capaz de deslocar os participantes de posições de conforto e reativar memórias silenciadas. Reconhecendo a potência e a intensidade desse primeiro momento, ainda que sem plena dimensão do impacto que ela produziria, a segunda parte da experiência foi planejada e intencionalmente conduzida como uma transição sensível, na qual sons mais suaves, aromas e imagens simbólicas possibilitassem a elaboração das emoções vividas. A evocação das águas azuis do mar, associada à presença das forças de Iemanjá nas cantigas e nas cirandas, operou como metáfora de cuidado, acolhimento e transmutação, permitindo que os sentimentos despertados fossem ressignificados e expressos por meio da palavra, do desenho ou outra forma de linguagem.

A experiência/dinâmica se configurou como um processo formativo integral, no qual se entrelaçam vivência, memória, espiritualidade, corporeidade e reflexão crítica, reafirmando o caráter coletivo, sensível e político da proposta da disciplina. Ao narrar e refletir sobre essa experiência/dinâmica, afirmamos a esperança não como abstração ou ideal distante, mas como prática

situada, concreta e tecida no e pelo coletivo, que possibilita o envolvimento e a reconexão para reexistir em contextos marcados por desigualdades e violências. Além disso, também reconhece a força da união como condição fundamental para a transformação social e compreende que os processos de mudança se tornam frágeis quando vividos de forma isolada e ganham potência quando construídos em comum.

Memória da criação da experiência/dinâmica

Durante as conversas para criarmos nossa experiência/dinâmica na disciplina, pensamos em alguns aspectos das nossas construções como grupo dentro da disciplina, pensamos na luta, no antirracismo, na justiça, nas opressões, e com isso foi surgindo a ideia dos olhos vendados, das notícias, dos sons, dos cheiros das sensações, o azul do mar, de Iemanjá. A ideia dos olhos vendados e notícias de casos de violência racista que ficaram marcados na memória coletiva nacional surgiu pelo fato de que, com o passar do tempo às vezes elas ficam desgastadas, esquecemos delas, não as revivemos, pois é difícil mexer nas feridas. Nos propusemos a fazer essa experiência de cutucar as memórias dos participantes e não tínhamos ideia do impacto que isso causaria.

Lurian foi quem propôs encontrar as chamadas dos jornais televisivos com os anúncios de mortes: “me senti estranhamente macabro ao ir ao Youtube e procurar a morte da Marielle, de Raoni, a chacina da Candelária”. Procurar mortes nunca é uma boa sensação, mas nos fez relemburar violências que não deveriam ser esquecidas, mortes da nossa sociedade racista, capitalista e patriarcal, de corpos que são frutos dos anos de colonização, de subjugação de populações marginalizadas. Relemburar é uma militância, mesmo que seja doloroso e desconfortável, relemburar essas mortes é mais humano do que esquecê-las ou se tornar imune e indiferente emocionalmente.

Rememorar acontecimentos trágicos e marcantes das populações negras e indígenas é transformar esse extermínio em consciência, pois não podemos deixar essas mortes caírem no esquecimento, já que elas são provas do racismo, do machismo e da subjugação. Rememorar nessa experiência é militar. Não tínhamos noção da força que isso propiciaria em quem participasse da experiência/dinâmica, mas o grupo parecia imbuído em trazer nessa primeira parte um impacto. Tanto que a escolha da canção *Rosa de Hiroshima*, com a performance da Madalena, foi super impactante.

Pensando nessa possível força desse primeiro momento, os outros momentos da experiência/dinâmica foram pensados para serem mais leves, pensamos nesses sons mais suaves, pensamos nos odores, para transicionar de algo denso para algo mais relaxado. Depois foi proposto trazer a força das águas calmas, os cantos de Iemanjá, as Cirandas e, por fim, tentar trazer todas essas

emoções em palavras, em expressões. Assim são as memórias que tivemos dos momentos de criação da experiência/dinâmica.

Relato memorialístico da nossa experiência/dinâmica.

Apresentaremos agora algumas reflexões sobre a atividade desenvolvida pelo grupo Voaterrar Mãestruar como atividade síntese dos debates realizados durante a disciplina no dia 21 de agosto de 2025. A atividade/dinâmica foi desenvolvida pelo grupo ampliado para além dos três autores. Pensamos em uma série de atividades que provocam questionamentos, interrogações, dúvidas, reflexões, pensares e ponderações por todos os participantes da disciplina.

Para a realização, inicialmente organizamos parte da sala para que as pessoas se dispusessem no espaço de forma a circularem entre as cadeiras dispostas previamente. Na atividade inicial solicitamos que cada um escolhesse um lugar para se sentar e, com todos já acomodados em seus lugares e de olhos vendados, foi solicitado para que permanecessem em silêncio absoluto. Enquanto isso, os integrantes do grupo organizador circulavam lentamente entre os participantes, ocupando o espaço de forma fluida e atenta, intensificando a percepção corporal e a sensação de presença.

Na sequência, foram colocados áudios de diversas notícias de telejornais sobre massacres de indígenas, assassinatos, prisões, desastres ambientais etc. Todas evidenciando destruição, mortes, perseguições e outros diversos tipos de violências. O espaço-tempo foi amplo, indo desde os anos 1980 até 2025. Nosso objetivo foi tentar provocar sentimentos fortes nos participantes.

Continuando a dinâmica, alguns dos coordenadores tocaram tambores, flauta, bateram palmas e os pés no chão, gerando diversos sons, alguns agradáveis e outros nem tanto. Outros integrantes do grupo organizador circulavam entre as cadeiras batendo pés e mãos e falando de forma gritada as palavras homofobia, feminicídio, epistemicídio, estupro, LGBTfobia, racismo, fome, ódio, injustiça. O objetivo dessa etapa foi gerar muita angústia, revolta e tensão nos participantes.

Contávamos com a participação de Madalena no grupo, cantora chilena que interpretou a música *Rosa de Hiroshima* com objetivo de aumentar a tensão e angústia nos participantes da atividade. Essa foi a quarta atividade.

Na quinta atividade foi solicitado que todos ficassem em silêncio total. Queríamos perceber as reações, a respiração dos participantes. Percebemos várias pessoas chorando, ofegantes, inquietas, incomodadas, desinstaladas.

Na etapa seguinte as pessoas foram convidadas a retirarem as vendas dos olhos. Distribuímos uma folha para cada um e solicitamos que fossem até uma mesa onde estavam distribuídos papéis,

muitos lápis de cor e outros objetos para desenho. Cada participante deveria expressar na forma de desenho, símbolos ou palavras os sentimentos que estava sentindo.

Todos voltaram para suas cadeiras, mantendo-se o silêncio e com os olhos novamente fechados. Outros instrumentos sonoros passaram a ser utilizados, produzindo sons suaves e relaxantes, com a intencionalidade de favorecer a transmutação dos sentimentos mobilizados nas etapas anteriores. Paralelamente, foram difundidos entre os participantes aromas de perfumes e incensos, que circularam pelo espaço de forma sutil e gradual. Observamos as expressões que as pessoas foram esboçando durante a inspiração dos diferentes cheiros.

No momento seguinte, com objetivo de fazer a passagem de estado de espírito das pessoas, alguns organizadores começaram a passar com um tecido azul grande representando uma onda que envolvia a todos. Enquanto a onda passava, foi tocada a música *Mãe D'água Rainha do Mar*, remetendo ao mar e a sua rainha Iemanjá. A intenção era que as pessoas fossem se sentindo purificadas e acolhidas pela onda e pelo canto, para que tudo de ruim que havia sido despertado nas etapas anteriores pudesse ser lavado e eliminado.

No momento seguinte, convidamos a todos para que passassem a realizar uma dança circular puxada por integrantes do grupo coordenador. Foram tocados instrumentos musicais, conduzida a dança pelo salão e depois saímos do ambiente interno. Todos dançavam de mãos dadas. A dança se estendeu para um espaço embaixo de árvores. As pessoas escolheram alguma árvore ou planta para se integrarem e, na sequência, alguma pessoa.

Posteriormente retornados à sala inicial e foi colocada a música *Pachamama Pachakamaq*, como um grito de esperança e convite para a mudança. Para o encerramento e avaliação do realizado todos nós nos sentamos em círculo no chão e fomos construindo uma teia com novelo de linha. Cada integrante que recebia o novelo jogado falava o que sentiu durante as atividades, os significados percebidos em cada momento e qual sua avaliação sobre o vivido. Na sequência a pessoa jogava o novelo para outra pessoa.

Como gesto simbólico de elaboração e escolha, foi oferecida aos participantes a possibilidade de queimar os desenhos em um fogo ritualístico ou de guardá-los como memórias e material de pesquisa.

As mônadas avaliativas da experiência vivida

Nesta seção traremos os relatos das pessoas que participaram, trazendo suas impressões no momento final da dinâmica. Esse momento, como grande parte da disciplina, foi gravado em vídeo,

com o objetivo de transcrição de seus conteúdos para uso posterior, assim, nosso grupo utilizará desses registros para debater os resultados da nossa experiência/dinâmica. Como não conseguimos identificar o nome de todos os integrantes que falavam, optamos por identificar com a palavra pessoa seguida pelo número da ordem em que ela faz sua avaliação.

Por meio da inspiração na metodologia monadológica⁴ de Walter Benjamin, as narrativas foram cortadas, recortadas e remontadas, sendo transformadas em mônadas e trazidas no diálogo com as demais partes do texto para percebermos os narradores nas múltiplas dimensões de suas vidas e conhecimentos experimentados e reorganizados durante o ato de rememoração e narração da experiência vivida. Cada mônada expressa uma verdade dos narradores que rememoraram, não cabendo aos pesquisadores interpretá-la. Cada uma delas recebeu um título a partir de algo contido no trecho narrado, expressando a temática em destaque.

A gente está tão habituado com a violência que a suavidade é o que choca

Acho que a emoção que senti no começo foi uma mistura de surpresa, mas... vou chocar aqui. Que não fiquei tão em choque com a violência. Isso me traz o sentimento de que a gente está tão habituado com tanta violência o tempo todo que não choca mais a gente a violência. E aí, quando transmutei isso para um desenho, fiz uma balança onde o ódio sempre vence, que é o mundo que a gente tem vivido hoje. Então, a gente está tão habituado com a violência que a suavidade é o que choca, e os momentos leves... Fiquei me sentindo um pouco desconfortável de sair daqui, porque aqui sinto que isso é um espaço muito seguro para a gente fazer as dinâmicas. E aí, quando a gente saiu daqui, que a gente foi para o estacionamento, eu fiquei assim: “meu Deus, vão falar que a gente é de humanas. Droga! Droga, isso vai parar na rede social”. Só que depois fiquei pensando: “cara, não é para ser um desconforto a gente ter o momento de trazer para fora a nossa leveza, e o dia está tão lindo”. E aí fiquei pensando: “que besteira ficar pensando o que as pessoas estão pensando; o dia está maravilhoso e a dinâmica está muito leve”. Então foi basicamente isso: primeiro, aquela surpresa das sensações de estar vendada; depois, a surpresa comigo mesma, por não ter o choque pela violência; e depois, novamente, o choque de estar lá fora. O que me impactou mais foi o que as pessoas poderiam pensar da gente dançando lá fora, do que a experiência de ouvir as manchetes de violência que a gente escuta todo dia. Então, é basicamente isso (pessoa 1).

⁴ As mônadas são uma forma de organizar as narrativas em um diálogo com o conceito e metodologia de produção de conhecimentos do filósofo berlinense Walter Benjamin (1892-1940). Para o autor (Benjamin, 2011): “a ideia é uma mônada. O ser que nela penetra com sua pré e pós-história mostra, oculta sua própria, a figura abreviada e ensobrada do restante mundo das ideias, tal como nas mônadas do discurso sobre a metafísica, de 1686: em cada uma delas estão presentes indistintamente todas as demais. A ideia é uma mônada – nela repousa, preestabelecida a representação dos fenômenos como sua interpretação subjetiva. [...] A ideia é uma mônada – isso significa, em suma, que cada ideia contém a imagem do mundo. A tarefa imposta à sua representação é nada mais nada menos que a do esboço dessa imagem abreviada do mundo” (p. 36-37).

O apagamento em detrimento de outra coisa que, com certeza, não é melhor

O meu desenho é daquelas, aqui, ouvindo aqueles sons. Ele me lembrou a morte, o assassinato em massa das culturas, das pessoas, dos símbolos, o epistemicídio, o apagamento em detrimento de outra coisa que, com certeza, não é melhor, mas é sempre a vontade de uma cultura dominante assassinar as pessoas que são diferentes dela. E depois, no final, com a última música, eu consegui me acalmar internamente, me conectei, fiquei mais dentro de mim (pessoa 2).

Sabe quando se está com tanta raiva, com aquele sentimento tão ruim que tu chora porque não sabe mais como expressar?

O meu desenho é um choro de raiva. Eu acredito que algumas pessoas aqui já tenham chorado. Sabe quando está com tanta raiva, com aquele sentimento tão ruim que tu chora porque não sabe mais como expressar? Eu tenho muito isso. É muito mais fácil eu chorar de raiva do que por uma emoção boa. Uma vez, a minha psicóloga me falou que eu sinto as dores do mundo. E a gente, obviamente, ela, enquanto psicóloga, trabalhou isso comigo. Mas eu sou muito sensível e, ao mesmo tempo, não é aquela sensibilidade... Aí, gente, eu não sei explicar. Eu sinto muito ódio, sabe? Quando eu ouço essas notícias, quando eu vejo essas coisas. Um tempo atrás precisei me afastar, porque a gente começa a consumir, e o algoritmo, quando a gente vai nas redes sociais, fica só aparecendo aquelas coisas. Eu falei: “não, cara, eu preciso dar um tempo”. E ao mesmo tempo vem aquele sentimento de: “cara, mas aí eu vou me isolar, vou viver aqui no meu mundinho, sem olhar para o lado, sabe?”. E eu acho que foi isso na primeira parte. A segunda, naquele sentimento de se libertar, de sentir tesão pela vida, sabe? Aquela coisa: não, cara, mas vale a pena viver, sabe? Tem pessoas, tem lugares, tem coisas, de uma forma geral, que valem a pena, sabe? Então é essa ambiguidade que eu acho comum no ser humano, de pessoas que sentem as coisas (pessoa 3).

Do vazio para a consciência: é como eu estou me sentindo!

Uma atividade dessas desperta tantas emoções, como a colega ali falou. No primeiro momento, quando a gente ouve tanta violência, que todas juntas têm um peso muito maior do que diluídas no dia a dia, como a gente recebe. Isso me provocou um vazio. Depois do poema *Rosa de Hiroshima*, que é muito significativo para mim – na época de estudante fiz um evento e quando comecei a dar aulas, trabalhei muito esse poema na literatura –, eu senti um vazio muito grande. Eu expressei isso. Fazer um buraco é muito óbvio, então fiz um desenho mais ou menos representando o deserto que eu estava sentindo naquele momento. E depois, pisar nas folhas e sair lá fora também me causou... Essa sensação foi exatamente o que você falou: vamos sair daqui, dá um desconforto. Mas pisar nas folhas, sentir o cheiro do eucalipto, caminhar, foi muito reconfortante. Agora eu me sinto consciente. Do vazio para a consciência: é como eu estou me sentindo (pessoa 4).

Eu não consegui me desligar

Meu desenho sou eu: só tenho olhos, lágrimas, sem boca, sem mão, porque é assim que eu me sinto diante dessas notícias. Aí desperta aquele sentimento que a colega falou, de raiva, porque eu me sinto imóvel. Não consigo fazer nada diante dessas brutalidades, dessas tristezas. Eu vivi esse momento aqui e confesso para vocês que

fui para a rua e não consegui me desligar daquelas notícias, das vozes em volta de mim, daquele som. Eu não consegui me desligar. Voltei para dentro e não consegui me sentir confortável, me desligar daquele momento. Os olhos vendados e com aquelas vozes e com aquelas notícias me impactaram, principalmente por eu não conseguir fazer nada (pessoa 5).

Me causaram a sensação de estar amarrada

Na primeira parte da dinâmica, senti muita aflição e medo em determinados momentos, quando batiam naquele instrumento. Lembro de ter tomado alguns sustos com aquela notícia de violência, e aquilo me deixou extremamente desconfortável. Para representar isso, eu senti um aperto no coração com notícias que não eram novidade, mas que juntas, uma atrás da outra, me causaram a sensação de estar amarrada. A venda, de certa forma, causou esse desconforto. Você estava ali vendada... então eu decidi representar esse não poder fazer nada com esse coração com uma corda amarrada, chorando, porque acabei liberando algumas lágrimas. É muito impactante tanta notícia ruim junta. Ao contrário da colega, eu não consigo me acostumar com isso. Fico extremamente desconfortável. Quando foi dada a sequência da dinâmica, eu trago a palavra “entrega”. Eu me entreguei para conseguir voltar e trazer calma para o meu coração, que estava aflito e apertado, e eu consegui. Com a união, com a parceria de mãos dadas, a gente conseguiu rir, passando alguns perrengues. Em alguns momentos a união teve que se desfazer, mas a gente fez de novo, deu as mãos de novo. Unidos, conseguimos concluir a dinâmica e chegar até aqui. Então é isso, vamos lá (pessoa 6).

A beleza junto com a tristeza, o poético e bonito perto da destruição

Meu desenho é literal: é a *Rosa de Hiroshima*, por causa do poema, que foi o que ficou marcado para mim. É uma voz lindíssima cantando. Acho que isso também me marcou em toda a dinâmica. Porque tinha muitas coisas muito belas acontecendo: perfumes, instrumentos musicais, música. Mas também tinha coisas muito duras acontecendo: notícias, batidas, gritos. Eram diversos gritos; às vezes aparecia do seu lado um grito. Por isso o meu desenho é um pouco o que senti na construção toda: a beleza junto com a tristeza, o poético e bonito perto da destruição. Foi bem literal o desenho, muito inspirado no poema cantado. Outra coisa que eu fiquei pensando é que o tempo todo eu queria antecipar o que ia acontecer. Não dava para antecipar, e no momento eu só desisti. Desistir por quê? Eu dizia: vamos pedir para a gente levantar e todo mundo se organizar e andar. Eu fiquei pensando: vou pegar o braço daqui do lado, do outro lado, e ninguém pediu nada disso. Uma hora eu relaxei: não vai dar para antecipar mesmo. Me larguei lá e fiquei prestando atenção nos cheiros, nos sons, nas notícias, depois nas músicas. Achei a seleção musical lindíssima. Queria dizer que a parte musical, perfeita; toda a pessoa encarregada, toda a sonoplastia, perfeita. No *timing* perfeito. Só quem faz isso sabe como é difícil, porque tem que estar muito concatenado com tudo o que está acontecendo. Precisa ter uma sensibilidade grande para permitir que cada momento seja perfeito. Na última dinâmica, confesso que eu queria brincar de roda, voltei aos sete anos de idade, mas foi ficando complicado, porque a gente saiu correndo por ali e por fora. Eu ficava prestando atenção se alguém ia cair, e se caísse o que eu faria. No final, a sensação era essa: por mais difícil, também era bonito, e a gente ia se desfazendo e se refazendo, como um cordão de pessoas se apoiando. Eu entendi: nós estamos ali nos apoiando. Achei muito potente essa mensagem. A palavra para mim seria essa: a união que a gente acabou construindo entre todos nós, por mais difícil que fosse o que estivesse acontecendo. Acho que é isso (pessoa 7).

Quando a gente deu as mãos e saiu, senti um alívio, porque há uma luzinha no final do túnel

O desenho: a pessoa chorando. Eu acho que a humanidade evoluiu tanto – tecnologia, saúde, educação – mas na barbárie não, ela involuiu. Acho que os homens primitivos tinham mais humanidade do que nós temos hoje. Então eu senti, de certa forma, uma desesperança com a humanidade. Não adianta evoluir, ter inteligência artificial, e continuar praticando esse tipo de coisa, inclusive com os nossos semelhantes. Esse é o sentimento que eu tenho: um sentimento de choro, porque tudo o que nos foi dado, a gente não soube aproveitar, não está sabendo aproveitar. Esse foi o sentimento que eu tive. Depois veio toda aquela dinâmica. Comecei a perceber, com aqueles sons, cheiros e depois com a roda, que o que falta para a humanidade é voltar a se conectar com a natureza, com o mundo, com o universo. De certa forma, é o que nós estamos fazendo aqui. Quando a gente deu as mãos e saiu, senti um alívio, porque há uma luzinha no final do túnel. Tem pessoas que se preocupam com isso. O que nós estamos fazendo aqui. Isso me reacendeu a esperança de que, quem sabe – não sei se vou estar vivo ainda, ou em qual encarnação eu estarei – isso muda. De certa forma, agora, da tristeza eu tenho uma felicidade por estar convivendo. Ter gente que pense como eu penso, que tenha alguma coisa para ajudar a melhorar. Foi isso. Eu gostei muito da dinâmica, porque ela passou de um momento de desesperança para um momento de esperança. Vocês estão de parabéns (pessoa 8).

O modo de vencer a violência é superar os próprios medos

A sensação que eu tive logo de início é esse volume grande de violência ao qual a gente é submetido, envolvido socialmente. Isso desperta muita raiva, mas também medo, é o medo que leva a gente a se autodestruir e a se submeter. Eu aprendi que o oposto do amor não é o ódio, é o medo. Por isso, o modo de vencer a violência é superar os próprios medos, desativar ou transformar os dispositivos que nos geram medo, sujeição, fuga, para conseguir estar em pé, resistir e reexistir. É isso que eu quis simbolizar um pouquinho com essa figura. Eu me inspirei na capa do livro, que é uma obra do Claudio Casales, que retrata exatamente, a meu ver, esse processo de reexistir, de se conectar com o que há de mais profundo e verdadeiro e autêntico, que são as próprias ancestralidades. E se reconectar, inclusive, com os outros e com os opostos. Como lidar com a violência? Como responder, de maneira ativa e digna a um agressor? Ou a um contexto que nos oprime? Esse acho que é o grande desafio que perpassa todas as relações pessoais, cotidianas. Muitas vezes, eu sinto como a gente tende a reagir, frente a qualquer atitude de um outro que a gente interpreta como agressora, com o dispositivo do medo. Então é isso: sem medo, ser feliz. Essa é a proposta (pessoa 9).

Como é possível a gente fazer esse tipo de experiência, mas fazer as pessoas sentirem?

Esse é o meu desenho. Ele é abstrato, mas procurou simbolizar o que eu senti durante a dinâmica. Fiquei impressionado no início da dinâmica e foi interessante vir para mim depois do Fleuri ter falado do medo, porque é exatamente o que eu senti: medo. Acho que esse medo se misturou: o medo de ver aquilo tudo acontecendo junto, como foi falado aqui antes, de ver essas situações tristes juntas, somadas numa mensagem. O medo por estar vendo aquilo e não poder... estar com os olhos vendados simbolizou um pouco a minha incapacidade, às vezes, de agir. Um lugar muito passivo, só recebendo aquelas mensagens. O medo simbolizou

bastante o que eu senti naquele momento. E uma coisa que ficou viva para mim, vivendo aquilo ali, é: como é possível a gente fazer esse tipo de experiência – não necessariamente essa – mas fazer as pessoas sentirem? Eu acho que uma grande potência dessa transformação do medo em amor, que vejo que é uma das coisas que o Fleuri trouxe, é a gente conseguir promover a sensibilidade nas pessoas: elas sentirem as coisas. Foi falado aqui, no primeiro dia que a gente se encontrou, que aquele que faz mal também não está bem consigo mesmo. De alguma maneira, ele também não está feliz. Eu fico pensando como construir dispositivos, como construir contexto, como construir relações sociais em que a gente consiga fazer as pessoas voltarem a sentir. Para mim é nítido como um momento desse desperta um sentimento mais profundo que não está presente no meu dia a dia o tempo todo. Claro, às vezes em doses menores, mas não com essa intensidade, de acordo com a intencionalidade da proposta experiencial aqui (pessoa 10).

Poxa! É assim que a humanidade deveria viver!

Esse foi o meu desenho, representando tristeza. Mas não uma simples tristeza; aquela que de fato dói, que machuca. Aí eu pensei em fazer lágrimas com sangue. A princípio tive medo, porque eu não gosto de ser vendada. Eu não sei o que vai acontecer. E, ao mesmo tempo, como a colega falou, parece que a gente se acostuma quando vê as notícias. Fui lembrando de quando elas aconteceram de fato. Ao mesmo tempo, a venda me fez pensar que talvez eu seja cega e, por pegar uma parte do ouvido para prender, talvez seja até surda para algumas coisas. Quando os colegas começaram a rodar e gritar nos nossos ouvidos, pensei: às vezes é preciso isso para a gente acordar e ver a realidade que está acontecendo, porque senão a gente se acostuma. Então, ao mesmo tempo que isso me provoca tristeza, no momento em que fizemos a saída e começamos a cantar, dançar e viver em união, trouxe um sentimento de paz e de reflexão no sentido de: poxa, é assim que a humanidade deveria viver; é assim que nós deveríamos estar todos os dias convivendo. Isso também me trouxe conforto, porque eu, como cristã, acredito que Deus nos criou para sermos assim. Ao mesmo tempo, brotou a esperança de uma vida melhor no futuro. Penso: é assim que a gente vai viver; é assim que vamos desfrutar da companhia uns dos outros, sem alguém precisar gritar ou ficar relembando das injustiças e da maldade que a gente sofre no dia a dia. Achei uma experiência muito enriquecedora, que trouxe momentos de tensão e, ao mesmo tempo, de reflexão, e me fez saber que tenho esperança. Essa esperança me move para fazer com que o dia a dia seja melhor, por pequenas que sejam as minhas ações, que ele seja melhor (pessoa 11).

Isso sempre me causou e me causa muita revolta

Sobre o meu desenho: são lágrimas de tristeza, um coração partido, luto, porque são mensagens muito tristes. Voltei no tempo, relembro quando aquelas reportagens passaram na mídia. Isso sempre me causou e me causa muita revolta, muito sentimento de injustiça. Estar com os olhos vendados, os nossos outros sentidos ficam aguçados, porque a gente não sabia o que ia acontecer; ficávamos só ouvindo e lembrando. Daqui a pouco, os colegas começaram a fazer sons, a gritar aquelas palavras de impacto, aquelas palavras ruins. A mídia sempre nos bombardeia; quer criar a sensação de medo; muito sensacionalismo, que se aproveita da dor do outro para criar mais medo ainda. O sentimento foi de não saber o que ia acontecer, com coisas acontecendo ao redor, e eu ali, presa, pensando: não posso fazer nada; estou me sentindo incapaz; estou rodeada por injustiça. O que a gente faz? Eu me senti perdida. Quando fomos para aquele outro momento, demos as mãos e saímos desse

ambiente, fomos lá pra fora. Aí tinha terra, tinha sol, e estávamos todos juntos. Aos poucos, a gente pensa, começa a sentir, a relaxar, vai ficando mais leve, retorna. Vi que é isso: a união faz a nossa força. Em alguns momentos, estávamos nos círculos e soltamos as mãos, mas aí alguém dizia: “não, volta aqui, vem cá”, e ficava um segurando a mão do outro. Ninguém solta a mão de ninguém. Acho que essa é a mensagem. É isso que o opressor quer: causar medo e, com esse medo, promover a desunião; que cada um fique com medo, fiquei sozinho, tente se proteger; que não haja união, porque a união e o conhecimento são perigosos. As palavras que me marcaram: esperança, união e luta. Luta sempre é o que me marcou (pessoa 12).

Me fizeram ver o verbo esperar: dias melhores

O meu desenho é um coração em luto, partido, dilacerado. Gostei do recorte que vocês fizeram; foi impactante. Durante esses minutos, pensei na Dorothy, no massacre do Carandiru, na senhorinha que estava na Sé ontem e foi espancada pelo policial, no desastre de Mariana, no massacre de Carajás. Fui lembrando de tudo isso. Ao sair, ao ser conduzido para a natureza, o sol e a música do Gil, “Andar com fé”, me fizeram ver o verbo esperar: dias melhores. Tenho esperança de que a gente tenha dias melhores e que a humanidade possa evoluir de outra forma. E eu fiz rapidinho, porque senão eu ia enfeitar muito, e imediatamente saiu aquilo que sai do coração (pessoa 13).

Confesso que fiquei tenso com tudo isso

As duas colegas resumiram algo que eu também tive essa interpretação: estar vendado e não olhar com olhar sensível para o que acontece ao nosso redor. Sobre tudo, na hora em que eu estava vendado, confesso que fiquei atordoado e desconfortável. Principalmente quando alguém berrou em cima de mim. Como no meu desenho, que tentei representar: sou péssimo em desenhos, então fui ao simples. Como se várias abas abertas na minha cabeça aparecessem, como quando se acessa o computador e vai abrindo janelas. Foi basicamente isso que aconteceu: refletir, questionar. Depois, quando falaram para ir até ali... A colega disse: “acho melhor você se mexer, porque senão estão percebendo que você não está dançando”. A colega estava dançando brilhantemente, parecendo uma fada. Ela me chamou para dançar; depois o professor também. Confesso que fiquei tenso com tudo isso. Quando passamos pela porta, foi como se eu tivesse atravessado um portal e me conectado com as árvores, a natureza, tudo isso que eu aprecio. Diferentemente da colega que falou: “vamos pensar que a gente é de humanas”. Eu digo que sou de humanas e de biológicas, porque amo a natureza e estar imerso. Senti que desopilei quando acessei ali; deu vontade de abraçar a árvore. Isso me fez relaxar um pouco de tudo aquilo – ouvir aquelas palavras e o que a colega falou – e me fez visitar o caso da vereadora e outras coisas que ficaram ali. Essas coisas na minha cabeça – várias abas abertas. Até o fim do dia espero conseguir fechar todas. Fui aberto de uma vez só: muita coisa na cabeça, gritaria e tal. Acredito que me fez refletir, como Fanon fala, que, para que haja descolonização, é preciso refletir sobre as próprias vivências. Ao refletir, pensamos também sobre nossas práticas, o que temos desenvolvido e feito ao nosso redor, nessa troca com a nossa comunidade. Estou surpreso com a disciplina: vocês estão realizando um trabalho certo no sentido de afetar positivamente as pessoas. Mesmo que sejamos umas 30 pessoas aqui, penso que vamos conseguir propagar, espalhar mais sobre isso, nessa troca. Acredito que é isso (pessoa 14).

Pensei muitas outras coisas, mas prefiro não falar

Acho que pensei tudo o que vocês pensaram também. Tudo o que vocês falaram, eu também senti. Tenho uma imaginação bem fértil; pensei muitas outras coisas, mas prefiro não falar. Fiz essa rosa meio quebrada, meio desfolhada. Tem muito a ver com a música, que me marcou bastante e me deixou sensível. Quando entro nesses estados, é difícil sair; ainda não me sinto bem. Estou meio enjoada, inclusive. É isso, não tenho muito mais o que dizer (pessoa 15).

Pensar sobre isso realmente é algo que toca a gente

Quando começou a dinâmica, pensei que eu não queria falar também, porque é muito difícil falar sobre essas coisas. Sentir a gente sente; falar é mais complicado, porque também me afetou muito. Mas a gente é professor, a gente é professora, e também pensa num mundo diferente. Queremos pessoas melhores. Na primeira parte, me senti muito mal. Foi muita dor, muita tristeza. Pensei na nossa função como mãe, pai, educador. O que fazemos na escola? O que ensinamos? Veio a questão de separar o que a gente sente: será que temos que pensar a respeito ou temos que sentir e começar a mostrar para as pessoas que sentimos, o que somos? Isso me fez refletir, como professora na escola: não só ensinar conhecimento, mas mostrar que somos humanos, que temos sentimento; isso também é parte de nós e nos compõe. Se a gente perde o sentir, perde o afeto e banaliza o que acontece, como se não fosse importante, como se fosse possível matar o outro e estar tudo bem. Ouvir essas notícias foi muito difícil. Sair também foi difícil. Quando começaram a dançar, eu não conseguia dançar. Seria um fingimento. Só voltei a ficar um pouco melhor quando saímos também: estar fora, estar junto, fazer outra coisa, desopilar, ir para a natureza, caminhar, ver as árvores. Depois, aqui dentro também. Pensar sobre isso realmente é algo que toca a gente. Quero ter esperança de que juntos possamos nos conectar, fazer novas conexões com este grupo e com os grupos em que estamos; propagar o que somos e o que fazemos na escola, enquanto saber, o que ensinamos para nossos alunos (pessoa 16).

Parece que o amor está esfriando entre as pessoas

Ouvindo a colega, lembrei que essas notícias não podemos jamais normalizar dentro de nós, justamente para não perdermos o afeto. Parece ser tão normal todos os dias. Desde o primeiro jornal do dia. Em Salvador, costumávamos dizer de um jornal impresso local, antes do boom da internet: “se espremer, sai sangue”, de tantas notícias terríveis. É preciso, como diz o poeta, estar atento e forte para não perder a dignidade humana, nosso lado humano diante de tantas notícias. Quando ouvi falar da morte de Marielle, literalmente eu fui lançado ao passado. Dias antes de falar como paraninfo de uma turma, no meu primeiro contrato de professor substituto no IFSC, eu não conseguia escrever meu discurso. Naquela manhã, liguei a TV e era a notícia do dia: a morte de Marielle. Levei um texto de Rui Barbosa que dizia: “de tanto agigantar-se os poderes nas mãos dos maus...”, e um trecho: “o homem ri da honra e tem vergonha de ser honesto”, entre outras coisas que ele discorre ali. Eu nem conhecia a história de Marielle. Para mim, era uma mulher negra que lutava pelas minorias, que recebeu três tiros na cabeça. Naquele mesmo dia, uma notícia em contraponto: juízes indignados porque tinham perdido os 4 mil e pouco de ajuda de custo de moradia. Foi um choque na minha vida. Peguei a caneta e disse: é por aqui. E foi o texto daquela noite. Não só eu, em prantos tentando terminar meu discurso, como todo o auditório de pais e parentes dos formandos. Me impactou muito. Eu me arrepiava, e não era de prazer (porque o arrepio de prazer é bom) era

de angústia, de agonia. Ouvir uma palavra como LGBTfobia, que não era comum há algum tempo, nos causa indignação. Eu me arrepiava todo. O desenho que tentei fazer – sou péssimo desenhista – lágrimas, uma flecha no coração que não é de amor ferido, mas coração ferido, de dor, de tanto ouvir barbaridades, e uma interrogação que é a indignação eterna: até quando? Até quando tudo isso? Isso me fez repensar. A barbárie está aí, a violência está aí. Eu não posso torná-la uma notícia comum, porque senão vou perder meu afeto, meu amor às pessoas. O que mais temos visto: parece que o amor está esfriando entre as pessoas. Às vezes, a violência não é tão drástica como essa, mas está numa palavra. Amigas que olham e dizem: “nossa, que roupa feia, que cabelo feio”. Isso também é uma forma de violência. De que forma estamos nos relacionando no dia a dia para evitar essas violências sutis? É isso (pessoa 17).

As forças da natureza nos regeneram

Vou começar pelas palavras; depois apresento o meu desenho. As palavras que localizei foram “opressão” e “reconexão”. Se há opressão, há um oprimido do outro lado. Achei muito interessante como o grupo conseguiu nos fazer sentir na pele do negro, porque a dinâmica abre como uma vítima negra – ou é negro, ou é indígena. Quando você lista a sequência, percebe como acontece um genocídio do povo negro aqui dentro e como essa opressão se estrutura diariamente. No meu lugar de fala, no meu lugar de sentir, eu não sinto isso no dia a dia. Fico imaginando a mensagem subliminar que vem para uma pessoa negra nessa sociedade: toda essa violência vai sendo introjetada todos os dias, oprimindo. Uma pessoa oprimida muitas vezes vai se acostumando, vai muito mais se defendendo do que reagindo e lutando. Como se constrói isso? Achei muito interessante como o grupo conseguiu nos fazer sentir o que muitas vezes não sentimos no lugar em que estamos. O racismo como força de repressão contra o povo negro. Fui anotando, porque se ontem eu já não sabia o que escrever, hoje veio tanta coisa: uma explosão de possibilidades de escrita a partir da dinâmica. Depois, com a música, fui percebendo: o que é essa rosa, essa flor? Se pensarmos na nossa juventude... fiz o desenho de uma flor que hoje não tem mais pétalas: o jovem chegando na juventude e o que sobra. Vai perdendo as pétalas dos sonhos, do amor-próprio, da capacidade de amar os amigos, porque não consegue estruturar organizações. Sobra resistência, medo, insegurança. A dinâmica ajudou a fazer esse desenho. Quando a Marielle morre, o que acontece com a nossa sociedade? Opressão. Vivíamos sob um regime de opressão de políticos que assumiram o poder, e nos sentíamos com muito medo, porque nosso modelo de sociedade era outro. Isso me fez retomar historicamente o momento em que vivíamos quando ela morreu e como se tornou um símbolo de resistência contra esse poder, contra as forças, contra os poderosos que contratam pistoleiros para matar a Marielle, o indígena, o jovem negro nas comunidades. Fui anotando para não perder a ideia. Achei interessante, porque me permitiu fazer uma imagem – essa flor despetalada. Ao mesmo tempo, se reproduzimos essa dinâmica com nossos alunos e grupos, conseguimos localizar polaridades: se você está sendo oprimida, quem te oprime? O que faremos contra os que nos oprimem? Ajuda a desenhar a partir da dinâmica propostas de reflexão e ação com as pessoas com quem convivemos. Ao mesmo tempo em que senti angústia, medo, dor, fiquei o tempo inteiro vigilante para tentar entender o que o grupo queria que eu fizesse. Quando me colocaram sentada, vendada, pensei: vão nos fazer sentar na cadeira; começamos a pensar o que teremos que fazer – movimentar com o grupo na cadeira, sem olhar – e depois a dinâmica é outra. Nossa capacidade de pensar aquele momento sempre nos faz imaginar uma coisa e depois vem outra. Saímos lá para fora. As forças da natureza nos regeneram e o povo que vive em conexão com a natureza... é um pouco da dinâmica que fizemos ontem. Eles não têm posses; têm a natureza e vivem com

ela. A proposta é nos reconectar com essas populações e aprender com elas, que é o próximo passo, acho que será semana que vem: que caminhos temos para nos reconstruir, nos reconectar e caminhar nesse processo com quem realmente sabe. Que são os epistemicídios que a sociedade desconsidera o tempo inteiro. Por isso se pode queimar um indígena: porque não se reconhece o saber que ele tem. Por isso se pode matar um jovem negro: porque se desconsidera toda a potência dessa população, esse conhecimento que eles possuem. E como as formas de música, dança, reconexão, espiritualidade, religiosidade são forças de resistência que eles têm para sobreviver a tudo o que lhes foi tirado. É isso (pessoa 18).

Eu senti uma vontade tremenda de deitar em posição fetal e chorar

Ali, depois da primeira dinâmica, primeira parte, ao final dela eu senti uma vontade tremenda de deitar em posição fetal e chorar. Ir embora, ir para a minha cama. Eu só precisava ficar um pouco aqui. É interessante porque, à medida que várias palavras foram sendo faladas, obviamente eu, enquanto mulher branca cis, a que mais me impactava ali era a questão do feminicídio. Porque a gente lembra que isso pode acontecer comigo. Então isso impacta bastante. Quando eu fui desenhar, foi interessante que eu vi que a colega está com um brinco que tem um raio, e eu fiquei tentando desenhar raios. Se eu tivesse visto o brinco dela antes, eu teria me saído melhor, eu acho. Não vai dar para ver aí por que está muito clarinho. A gente não vê muito de longe. Mas eu desenhei vários raios, uma bagunça de raios, porque o que eu sentia era um grande caos ali. E tem vários bonequinhos de pau, porque eu não sei desenhar bonequinhos. Tem um que, inclusive, eu não sei o que aconteceu, mas ele tem seis membros. E eles estão isolados, porque isso fazia com que eles estivessem sozinhos, cada um num canto, no meio desse caos, dessa bagunça, desses raios, dessas coisas. Era como eu estava sentindo na hora. Depois, a música foi realmente muito boa, muito acertada, muito significativa, muito significativa. Ela me ajudou a sair disso. Eu fui esquecendo, fui me entregando ali, fui dançando. Adoro as músicas. Fiquei ali curtindo. Para mim foi muito agradável, muito gostoso esse momento de dançar. Eu vi alguns colegas e estava evidente o desconforto de algumas pessoas. Na hora eu pensava: será que elas não gostam da música? Não estão gostando da dinâmica? Agora, ouvindo as falas de algumas dessas pessoas, eu entendi. Acho que realmente foi esse impacto que ainda não saiu, que ainda está com essas pessoas, e o que a gente vai fazer com isso agora? É uma boa pergunta. Antes, a primeira palavra eu diria que foi “caos”. Depois eu senti leveza e muita coragem. Eu não tive essa sensação desagradável de sair pela porta. Quando eu fui sair, eu estava tipo: que massa, vamos sair para o mundo, nós aqui todos juntos. Eu senti muito: que legal, a gente vai ao redor da UFSC. Já troquei a vibe. E falando sobre espancamento, ontem um homem negro foi espancado por um guarda municipal no mercado público e as cenas, as gravações, são impactantes porque tem um montão de gente ao redor, ninguém fez absolutamente nada. Eu não sei se eu faria; afinal de contas, tem uma autoridade ali. Mas acho relevante pensar sobre isso, para se essas coisas acontecerem quando a gente estiver perto. O que a gente vai fazer? Eu, enquanto mulher, obviamente, várias que andam de ônibus já sofreram algum tipo de assédio por homens no ônibus, e a gente fica paralisada. Eu sempre depois disso fico pensando o que eu vou fazer se eu vir outra mulher nessa situação. Acho que é importante, porque a gente acaba paralisando, mas se a gente for criando estratégias, talvez na hora que eu vir uma coisa dessas, seja com uma pessoa negra, indígena, mulher, alguém sofrendo uma coisa dessas, talvez eu consiga falar, fazer alguma coisa, chamar a atenção (pessoa 19).

Consigo ver que as conexões fazem a diferença

O meu desenho, da primeira parte da dinâmica, foi um rosto chorando. Eu acho que o sentimento é de tristeza, impotência, que a gente sente. Eu confesso que, às vezes, acabo não ouvindo o noticiário, porque, particularmente, quando a gente não está muito bem por outras questões, isso acentua muito mais. Às vezes, eu tenho a tendência a criar uma certa zona de conforto, porque aí entra aquela palavra que eu coloquei como “conexão”, e eu busco me conectar com coisas que me fazem bem. Eu acho que a gente está em um ambiente hostil em determinadas partes do nosso dia, então eu procuro, no trabalho, nos lugares que frequento, ser uma pessoa mais leve. Quando a gente saiu, na segunda parte da dinâmica, e foi para a natureza, é uma coisa que me faz muito bem. Apesar desse desconforto, dessa sensação de impotência, dessa tristeza que as notícias provocam, a natureza me deixa mais centrada e eu consigo voltar um pouco para mim. Consigo ver que as conexões fazem a diferença. Estar em conjunto, ver sorrisos, isso me ajuda. Coletivamente, isso faz com que a gente se sinta um pouco melhor. Que a gente possa, pelo menos, ser algo melhor nesse contexto todo. Porque se a gente se afetar o tempo todo e ver notícias dessa forma o tempo todo, na minha concepção, para o meu ser, faz muito mal. Então seria isso (pessoa 20).

Considerações finais

Viver em Plenitude pressupõe um estado de presença consciente, no qual o sujeito se reconhece como ser histórico, situado, atuante e corresponsável pelos sentidos que produz no mundo. Nessa perspectiva, não é possível dissociar a vida cotidiana da produção de conhecimento, tampouco compreender o saber como um exercício neutro ou separado das práticas sociais. Ao contrário, conhecer implica se envolver, posicionar-se e assumir compromissos éticos com a transformação social.

A disciplina *Viver em Plenitude* evidenciou a necessidade de decolonizar o olhar, o pensar, a escuta e o sentir como condição fundamental para a construção de outras formas de existência e de produção de conhecimento. Essa descolonização não se restringe ao plano teórico, mas se manifesta como prática concreta, corporal, relacional e coletiva, capaz de tensionar os modos hegemônicos de funcionamento da academia, das escolas e de outras instituições.

Os relatos dos participantes durante as aulas revelaram uma percepção recorrente da academia com um espaço rigidamente normatizado, compartimentado e, muitas vezes, desumano, no qual a criatividade, a sensibilidade e os desejos individuais são frequentemente subordinados às exigências produtivistas e burocráticas. Tal lógica influencia diretamente os modos de pesquisar, escrever e ensinar, conduzindo sujeitos a reproduzirem modelos impostos, em detrimento de práticas mais coerentes com seus valores, histórias e compromissos sociais.

Nesse contexto, a experiência/dinâmica vivenciada na disciplina se constitui como uma fissura nesse modelo hegemônico, ao explicitar que outros caminhos são possíveis e legítimos. As narrativas dos participantes da experiência/dinâmica evidenciaram que a exposição concentrada às notícias de violências históricas, como racismo, feminicídio, epistemicídio e extermínio de povos indígenas e negros, produziu afetos intensos, entre eles medo, raiva, tristeza, angústia, impotência e vazio, sentimentos que, no cotidiano, tendem a ser naturalizados e silenciados, mas que ao serem intensificadas pela vivência experimental, essas violências deixaram de operar apenas como abstrações midiáticas e passaram a ser sentidas no corpo, rompendo com a anestesia afetiva própria da colonialidade moderna, que historicamente separa razão e emoção e converte o sofrimento humano em estatísticas despersonalizadas. Esse deslocamento revelou não apenas o impacto da violência, mas também o quanto sua repetição cotidiana produz indiferença, cansaço e normalização.

O medo aparece como afeto central, associado à venda nos olhos, à impossibilidade de agir e à sensação de passividade diante da injustiça. Muitos participantes relacionam esse medo à submissão, ao silêncio e à dificuldade de reação, reconhecendo-o como um mecanismo de controle social. Essa imobilidade corporal relatada simboliza a imobilização política e subjetiva diante das opressões estruturais. A raiva também emerge articulada ao sofrimento, ao choro e ao luto coletivo. Essa raiva que não se converte em ódio destrutivo, mas em denúncia de injustiças, convocando à reflexão.

A união aparece como eixo estruturante da experiência. Dar as mãos, desfazer e refazer a roda, sustentar outro a caminhar juntos, são imagens recorrentes. A coletividade é compreendida como força política, afetiva e pedagógica capaz de enfrentar o medo, a fragmentação e o isolamento promovidos pelas estruturas de opressão.

A saída para o espaço externo, o contato com a terra, o sol, as árvores, a música e a espiritualidade são descritos como elementos de regeneração, de calma, de reequilíbrio. A natureza surge como lugar de cura, aprendizado e reconexão como modos de existir não coloniais, que foram associados aos saberes ancestrais indígenas, quilombolas e tradicionais. Nessa perspectiva, a ancestralidade não é entendida como um resgate idealizado ao passado, mas como algo que se apresenta como um horizonte, uma forma de compreender o tempo e a existência em continuidade, onde o passado, o presente, o futuro se entrelaçam, e não como uma linha reta que rompe com o ontem para criar o amanhã. Trata-se de reconhecer o pertencimento à Terra, compreendida não como um recurso, algo a ser explorado, mas como uma presença viva, com a qual se estabelece relação, respeito e responsabilidade, onde todos os seres humanos e não humanos são parentes.

A esperança emerge não como negação da dor, mas como resultado da convivência, da partilha, da escuta e do reconhecimento da possibilidade de transformação. Não se trata de uma esperança ingênua, mas de uma esperança do verbo esperar, que nasce do enfrentamento da dor

e das desigualdades, do reconhecimento das injustiças e da decisão e da ação de não perder o afeto nem a humanidade diante da barbárie. As falas indicam que a experiência formativa dessa natureza tem potencial para produzir deslocamentos duradouros, impactando não apenas os sujeitos envolvidos, mas também seus contextos de atuação profissional, especialmente no campo da educação.

Nesse horizonte, o pensamento decolonial e a contracolonialidade constituem aportes fundamentais para repensar criticamente as relações raciais no âmbito da academia e das instituições educacionais, ao deslocá-las de uma pretensa neutralidade e confrontá-las com a necessidade de situar, de forma crítica, os saberes que reproduzem a partir dos territórios, dos corpos e das experiências que os engendram.

Referências

BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. Obras Escolhidas. Volume 2. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BENJAMIN, Wa. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

DETONI, P. Ailton Krenak, o filósofo da terra. **Outras Palavras**, 26 abr. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/ailton-krenak-o-filosofo-da-terra/>. Acesso em: 24 jan. 2026.

GAUTHIER, J.M. **Sociopoética e Contracolonialidade**: relatos de pesquisa e diálogos teóricos com Ailton Krenak, Antonio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e alguns filósofos de tradição ocidental. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (org). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 201-245.

WALSH, C. ¿Interculturalidad y (de)colonialidad? Gritos, grietas y siembras desde Abya Yala. In: LOSACCO, J.R. (org). **Pensar distinto, pensar de(s)colonial**. Caracas: El Perro y La Rana, 2020, p. 139-178.

Abstract

This article integrates the memories constructed within the scope of the course *Living, Coexisting, and Generating Life in Plenitude: Sociopoetic Research*, based on an experience/activity developed with the course participants by the *Voaterrar Mãestruar* group. Its main objective was to create an educational

practice based on sensitive and collective experience in which body, emotion, thought, and creativity were articulated as inseparable dimensions of the knowledge production process. The proposed experience aimed to mobilize the participants' feeling-thinking. The records of these experiences were systematized through the monadological methodology, which organizes the accounts into monads, which, according to Walter Benjamin, are singular narrative units that, although partial, reflect and condense the whole of the lived experience.

Keywords: Living in Fullness; decoloniality; memory; monads.

Resumen

Este artículo integra las memorias construidas en el marco de la asignatura *Vivir, convivir y generar Vida en Plenitud: investigación sociopoética*, a partir de la realización de una experiencia/dinámica desarrollada con los participantes de la asignatura por el grupo *Voaterrar Mãestruar*. La experiencia tuvo como objetivo central crear una práctica educativa de vivencia sensible y colectiva en la que cuerpo, emoción, pensamiento y creatividad se articularan como dimensiones indisociables del proceso de producción de conocimiento. La experiencia propuesta buscó movilizar los sentipensamientos de quienes participaron en la asignatura. Los registros de estas vivencias fueron sistematizados mediante la metodología monadológica, que organiza los relatos como mónadas, que son, según Walter Benjamin, unidades narrativas singulares que, aunque parciales, reflejan y condensan la totalidad de la experiencia vivida.

Palabras clave: Vivir en plenitud; decolonialidad; memoria; mónadas.